Sobre a mentira e a ética na psicanálise

About the lie and the ethic in psychoanalysis

Neila Corrêa Bastos

Pós-graduanda em Teoria e Clínica Psicanalítica

Universidade Severino Sombra

**Resumo:** O presente artigo versa sobre a abordagem da mentira através da perspectiva teórica da psicanálise. Para tanto, nos ocupamos em definir a ética psicanalítica como uma falta de orientação, isto é, a ética da psicanálise em uma posição do sujeito frente ao indizível do seu desejo. Nesse sentido, a ética sobre a qual a perspectiva psicanalítica se orienta não caminha nem para um mal nem para um bem. Defende-se aqui que a psicanálise tratará a mentira não como algo que está na contramão das regras morais. Pelo contrário, é por ser articulada no nível dos significantes que algo do desejo pode aparecer, e dessa forma sempre colocará em questão o caráter de verdade do sujeito que por definição é sempre não toda e emana da cena inconsciente. Para defender tal posição, discutiremos a fábula do boneco Pinocchio, como via de analise da mentira enquanto uma posição ética.

**Palavras-chave**: psicanálise; ética; mentira.

**Abstract**:This article discusses the approach of lies through the theoretical perspective of psychoanalysis. Therefore, we are concerned to define the psychoanalytic ethics as a lack of guidance, this is, the ethics of psychoanalysis in a position facing the unspeakable subject of your desire. In this sense, the ethics on which the psychoanalytic perspective is not guided in a bad nor a good way. It is argued here that psychoanalysis treats lies not as something that is against the moral rules. Rather, it is to be articulated at the level of the signifiers desire that something may appear, and thus always puts in question the subject's true character that by definition is not always all emanates from the unconscious scene. To defend such a position, we will discuss the fable of the puppet Pinocchio, as a way of judging the lie as an ethical position.

**Keywords**: Psychoanalysis; ethics; lie.

**Introdução**

A abordagem da mentira em relação aos aspectos morais e éticos é de fundamental relevância para a sociedade em geral, assim como para cada sujeito, pois há uma urgência em desmitificar a conotação negativa que é atribuída à mentira. A psicanálise pode contribuir para que haja uma ruptura deste conceito colocado como pejorativo, no sentido de valorizar o que é dito, e o que não pode ser dito, sem pressupor condições desfavoráveis à mentira e até à verdade.

O que poderia a psicanálise dizer a respeito disto? Sabemos que ela não pretende responder prontamente a esta questão, mas provocar questionamentos essenciais a qualquer entendimento *a priori* sobre o conceito de mentira.

A escolha deste tema se deve ao fato de que encontramos inúmeras colocações reducionistas a respeito do conceito de mentira, como se uma única definição pudesse descrever todo o seu sentido e carregasse toda e qualquer conotação negativa possível a se analisar.

A questão ética, a partir da psicanálise, igualmente se faz fundamental neste trabalho, já que diz da psicanálise no referencial do desejo, assim como Lacan nos ensina. Por isso, é importante dissipar todas as outras inclinações morais que se fazem presentes, o que engloba diversos equívocos, como por exemplo, em relação ao conceito de mentira de acordo com a psicanálise.

O objetivo do presente artigo é mostrar que a relação entre mentira e ética da psicanálise se mostra muito próxima, já que sabemos das peculiaridades que as envolvem em uma mesma lógica.

Então, abordaremos nesse trabalho, os temas ética e mentira, conceitos que podem ser relacionamentos teoricamente através da psicanálise, e que pode contribuir para o maior entendimento das funções peculiares que a mentira pode ter para cada sujeito a partir da sua ética.

**Mentira em psicanálise**

Em relação à mentira, a psicanálise introduz este conceito ao colocar que não há mentiras, e sim resistências ao contato com o conteúdo inconsciente. Ela é fundamental para que possamos não só conviver socialmente, como também com nós mesmos.

É preciso perceber que, em psicanálise, a questão da fantasia, da mentira, da verdade e da realidade, precisa ter um lugar sem julgamento de valor. A mentira demonstra alguma verdade, que talvez não seria suportável para o próprio sujeito, se apresentada claramente. Muitas vezes, a mentira não encobre a verdade, fazendo justamente o oposto, de revelá-la. Enfim, há mais verdades na mentira, do que se supõe. (DESCHAMPS, 2007).

A condenação da mentira no âmbito social corresponde a um princípio ético tradicional. Para a psicanálise, além de colocar em foco uma possível sustentação para o desejo, que insiste em se fazer presente pela falta, a mentira, assim como a verdade, diz daquele sujeito que a insere em seu discurso, e por isto entendemos a importância desta pontual relação.

**Ética em psicanálise**

Diferente do conceito de ética abrangente que engloba outros contextos, a ética da psicanálise se refere ao sujeito do inconsciente em relação a seu desejo, dando destaque a esta singularidade.

Mencionando dois dos principais teóricos da psicanálise, Freud e Lacan, podemos melhor esclarecer possíveis pendências em relação à compreensão do termo ética, envolvido neste trabalho.

Explorando a questão ética na psicanálise, podemos entender que o que define a ética na Psicanálise é o fato de que se considera basicamente o inconsciente e toda sua verdade. E a verdade do sujeito, é a de que há uma falta estrutural onde o sujeito precisará se posicionar para se constituir enquanto tal.

Quando falamos em ética para a psicanálise, estamos ultrapassando a barreira de bem e de mal, no sentido de estarmos remetidos a sujeitos que consideram seu próprio desejo e, portanto, o inconsciente em toda sua verdade. Verdade está que não está colocada opostamente à mentira, de acordo com o que estamos analisando neste artigo.

Em seu texto ‘O mal-estar na civilização’, Freud nos ensina que:

“o comportamento dos seres humanos apresenta diferenças que a ética, desprezando o fato de que tais diferenças são determinadas, classifica como ‘boas’ ou ‘más’. Enquanto essas inegáveis diferenças não forem removidas, a obediência às elevadas exigências éticas acarreta prejuízos aos objetivos da civilização” (FREUD, 2002, p. 121)

Assim, essa ética da psicanálise não é uma tentativa de adaptação ao meio ou à sociedade, não é o modo certo de alcançar um bem. Na ética da psicanálise, entendida como experiência de análise e não como conjunto de prescrições ou determinação de estilo, não há ideal, não há exemplo a ser seguido, não há certeza de que aquilo que o sujeito estiver fazendo é a coisa certa a se fazer. Já não há nem a possibilidade de colocar semelhante questão porque, fazendo eco de Lacan podemos dizer que não há garantia no Outro. (PEREZ, 2009)

Desta forma, a ética é mediada por um saber que não sabemos e que grita por aparecer, o que viabiliza a análise com sua escuta do inconsciente através de suas manifestações quando há vacilação do sujeito.

A ética da psicanálise diz respeito ao Outro, na medida em que o sujeito se constitui no campo do Outro, se refletirmos a proposição de que o inconsciente é o discurso do Outro, podemos pensar que algo da verdade só aparece com a articulação dos significantes que vem do Outro, entretanto para o sujeito ser faltoso, a verdade aparece, mas como não toda.

Freud se interessa pelo tema da ética e da consciência moral pela via da clínica. Para ele, a civilização tem início quando o homem percebe que depende o trabalho coletivo para melhorar sua sorte e a consciência moral e a ética nas relações surge como forma de tornar possível esse projeto de vida coletiva. (JUNQUEIRA, 2005)

Assim sendo, a partir do discurso de Freud sobre gênese dos sentimentos éticos e da consciência moral podemos afirmar que o outro real tem, para ele, importância fundamental na constituição do psiquismo. (JUNQUEIRA, 2005)

Para Lacan a psicanálise é uma ética. Uma ética referenciada ao desejo e aos meios de gozo e, portanto, é a uma experiência da ordem da subjetivação, não passível de generalização e que não está implicada em condições morais.

Em seu seminário 7, Lacan esclarece o fato quando menciona que: “Entendemos que não poderia ser de forma diferente a práxis em psicanálise, pois ela nos ensina que sua ética está calcada na ‘ética do bem dizer’, do bem-falar. Então, o bem é realizado por outra via que difere da questão moral” (1997, p.11)

Desta maneira, podemos entender que não há um outro bem senão o que serve para pagar o preço para se ter acesso ao desejo.

Ainda sobre Lacan, podemos explicitar o que ele introduz de novo no campo da ética como sendo a atenção à barreira que existe em relação à Coisa e ao desejo, a inacessibilidade do objeto enquanto objeto de gozo. O imperativo ético, para Lacan se resume em ‘não ceder do desejo’ e, para isso, é necessário conhecer a verdade do desejo. O que o sujeito conquista na análise não está no nível dos bens, nem do acesso à Coisa. É, na realidade, sua própria ‘lei’ (regra), a verdade de seu desejo, o que rege seu princípio de prazer/desprazer. Isso ao mesmo tempo em que o sujeito se dá conta de que é castrado, ou seja, de que a falta é constitutiva e, portanto, por mais que se saiba acerca do desejo, não saberá nada além de suas marcas. A falta sempre existirá e nunca haverá resposta para o desejo. (JUNQUEIRA, 2005)

A ética da psicanálise se dá, portanto, em relação à ação e ao desejo que a habita. A concepção de ética de Lacan se apresenta muito bem articulada a sua proposta clínica, baseada sempre no desejo.

Assim, podemos observar no discurso de Lacan a acerca da ética da psicanálise essencialmente a presença do Outro, do simbólico ou da linguagem. No que tange a ética para Lacan o outrinho é tão somente um veículo no qual o Outro (simbólico) se apóia. (JUNQUEIRA, 2005)

Entendemos também que “é o desejo do analista que se encontra na base da ética da psicanálise, pois o desejo é correlato à ação do analista em sua clínica.” (QUINET, 2003, p. 110)

Deste modo, é por causa do desejo do analista que a psicanálise se respalda na ética de ouvir além do que é dito por aquele sujeito que busca sempre simbolizar.

Enfim, a ética em psicanálise está, então, em não prometer o impossível, de um sucesso absoluto frente ao mal-estar humano, pois em um processo de análise, é ético o analista que não fornece respostas às demandas, para que o analisando encontre condições de reconhecer o seu desejo e sustentá-lo da maneira que lhe for possível.

**O que a psicanálise tem a dizer sobre o laço entre mentira e ética?**

Qual seria o laço presente entre a mentira e a ética a partir destes desdobramentos da teoria psicanalítica?

A mentira está muito mais relacionada à intenção de enganar do que ao teor de deturpação da verdade. Prioriza mais uma satisfação e não o comportamento do outro, no sentido de que ela carrega uma verdade que independe de um outro que a autorize.

A mentira é uma ‘tentação’ que não conflita com a razão porque as coisas poderiam ser como o ‘mentiroso’ as conta. A necessidade de proteger a verdade resulta de não ser ela evidente e de poder ter como o seu contrário, não apenas o erro ou a ilusão, mas a própria mentira. (NOVAES, 2007)

Embora não seja contrária à razão, a mentira suscita dilemas éticos, colocando em risco princípios e comprometendo resultados. Na dicotomia verdade/mentira, a verdade fica entendida como um termo forte, porque dizer a verdade não requer explicação, enquanto que dizer a mentira, exige justificação normalmente articulada do reconhecimento de que ela é uma resposta. (NOVAES, 2007)

Concluindo, o princípio moral de dizer a verdade como um dever, se tomado de maneira absoluta, tornaria toda a sociedade impossível. Assim como colocaria nossas próprias vivências como angustiantes. Isto porque, de acordo com a psicanálise, o mentir não implica em imoralidade e/ou antiética. O sujeito precisa e se utiliza da mentira para buscar sua própria verdade, seu próprio desejo, muitas vezes foco de crítica social. A verdade é sempre do sujeito, e ela não está como oposto ou antônimo de mentira, porque elas têm um ponto de encontro. Não cabe a um outro apontar em que ponto elas se separam ou são excludentes, pois nem mesmo o sujeito, que é protagonista, consegue se desprender e distingui-las.

O fato é que a ética, na psicanálise, não exclui de seu ‘dicionário’ qualquer possibilidade de mentira, pois esta, não é tomada como condição inferior, desfavorável, incabível ou errônea. Ética e mentira também não fazem seus percursos em paralelo, mas ao contrário, sempre se permeando na eterna busca de algo que sempre faltará, mas que não impede que o prazer possa aparecer.

**Pinocchio e a sua mentira na verdade**

Como forma ilustrativa, um conto de fadas intitulado como ‘Pinocchio’, pode exemplificar questões supracitadas, como a internalização das regras, função moral e significado das mentiras.

Pinocchio é um boneco que mente compulsivamente e em todas as vezes, seu nariz cresce para denunciar a mentira. O eixo da trama, de certa forma, é a negociação necessária entre o desejo e a interdição. Podemos abrir um parêntese para relacionar à análise, onde o sujeito sempre denuncia o desejo, seja por sua mentira ou pela verdade escondida nela.

A mentira pode ser considerada então, inverídica quanto ao fato, mas verdadeira quanto ao desejo que se venha a expressar. Em outras palavras, ela denota algum desejo que não se realizou, mas que encontrou na enunciação da mentira, uma representação possível. (CORSO, 2006)

Cada confusão armada pelo boneco é cercada de moral. Ele é avisado antes de fazê-la, aconselhado a desistir e sujeito a recriminações, mas insiste e erra sistematicamente. São as intenções moralizantes que ficam como as grandes derrotadas da história. (CORSO, 2006)

A trama se direciona para um ensinamento moral. A aposta da história era de divulgar facilmente os bons princípios que, ilustrados com situações simples, poderiam ser compreendidos e incorporados por aqueles a quem se necessitava educar. (CORSO, 2006) Mas esquece-se de que há um sujeito implicado, onde não há como incorporar padrões morais e ‘consciência’ ética sem considerar o desejo e a particularidade deste.

**Considerações finais**

Ao analisarmos o sujeito, sabemos que não estaremos de encontro com a mentira, pois a verdade é singular e portanto, se faz presente, mesmo que disfarçada para contornar a angústia. E ao enfatizarmos isto, estamos colocando em questão a ética da psicanálise que não promete nada, mas ajuda o sujeito a sustentar tudo o que é e o que não está sendo possível elaborar, através da escuta qualificada da verdade que se oculta e ao mesmo tempo insiste em aparecer nas vacilações daquele que deseja e precisa sustentar-se.

Portanto, a mentira não pode se enquadrar nos conceitos de certo e errado e a ética não pode ser entendida como generalizante e excludente de singularidades. É próprio do humano insistir nos mesmos erros e é próprio mentir para sustentar ou esconder o que se deseja. Confrontar os ‘pinocchios’ com suas mentiras não resume um bom resultado Tem-se que buscar a verdade que se oculta na mentira, esta que não se relaciona ao condenável moral.

Assim, esperamos que o leitor tenha se sentido convocado a se desvencilhar de amarrações conceituais pré-estabelecidas sobre estes substantivos, para que possa ser proporcionada uma abertura flexível e reflexiva sobre o que a psicanálise pode nos propor a analisar em relação a esta temática, onde não devemos negligenciar as pontuais diferenças entre uma ética do senso comum, que estaria ligada ao conceito de moral e a um julgamento de certo e errado, e a ética da psicanálise, que responde de um determinado lugar sobre as vacilações e apostas do sujeito, assim como é necessário perceber essa ruptura de significados sobre o conceito de mentira que condena o que mente e o que a psicanálise tem a nos dizer sobre essa mentira que diz e insiste em apontar a verdade do sujeito.

**Referências Bibliográficas**

CORSO, Diana L. CORSO, Mário. **Fadas no Divã – Psicanálise nas Histórias Infantis**. Porto Alegre: Artmed, 2006

.

DESCHAMPS, D. **A Psicanálise e a mentira.** Artigo Coluna, **novembro de 2007**

FREUD, S. **Obras Psicológicas Completas**. Rio de Janeiro: Imago, 2002. CD ROM.

### JUNQUEIRA, C. Considerações acerca da Ética e da Consciência Moral em Freud, Klein, Hartmann e Lacan. Psyche (São Paulo), v. IX, n. 15, 2005

### LACAN, J. O seminário, livro 7: a ética em psicanálise. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1997.

### \_\_\_\_\_\_. Escritos. São Paulo; Perspectiva, 1996.

NOVAES, A. **Ética** – Vários autores. São Paulo: Companhia das Letras, 2007

### **PEREZ, D. O.**A psicanálise como experiência ética e o problema da cientificidade. Rev. Mal-Estar Subj. vol.9, nº4. Fortaleza dez. 2009

### QUINET, A. A descoberta do inconsciente: do desejo ao sintoma. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2003.